

ARREDOR DA EXISTENCIA DE CASTRA ET CASTELLA TARDOANTIGUOS NAS PROXIMIDADES DOS VICI GALAICOS

Mario Fernández Pereiro¹, Oria Ferreiro Diz²,
Anxela Guillán Armendáriz³, M^a Tania Rial Figueiras⁴

RESUMO

Ao longo do Noroeste Peninsular existe uma grande concentração de recintos fortificados, sendo os mais conhecidos e estudados os castros da Idade do Ferro ou da época romana, como as fortificações pleno ou baixo-medievais. Amais destes, temos constância da existência de uma série de recintos fortificados, com umas características muito semelhantes –tanto arquitetônicas como de localização–, mais que não podem ser enquadrados cronologicamente dentro dos dois grande agrupamentos anteriores, senão que estariam, possivelmente, situados num momento de transição entre um período –a antiguidade– e outro –a Idade Media–. A existência de um conjunto de recintos fortificados numa época de transição fala-nos da instabilidade política e social, e da necessidade do uso da força e da violência para assegurar um controlo territorial.

Em esta apresentação falaremos arredor da situação de vários recintos fortificados e a sua possível relação com um importante *Vicus* romano situado na Depresión Meridiana Galega: *Iria Flavia*.

Palabras chave: Recintos Fortificados em Altura, *Castrum*, Tardo-antiguidade, Controle do território, *Gallaecia*, Arqueologia das Fortificações, Prospecção, Teledetección.

¹ Investigador Pré-doutoral. Grupo Síncrisis. História I. Faculdade de Geografia e História. USC (mariofdezpeireiro@gmail.com)

² Faculdade de Geografia e História. USC (oria.ferreiro.diz@gmail.com)

³ Faculdade de Geografia e História. USC

⁴ Faculdade de Geografia e História. USC (tania.rial@hotmail.es)

ABSTRACT

Along the Peninsular Northwest there are a high concentration of fortified enclosures. The most known and studied the forts are from the Iron Age or Roman times, such as full or low-medieval fortifications. Besides these, we constancy of the existence of a series of fortified enclosures, with a very similar architectural and location features, but that can not be classified on the preceding groups, but it would be possibly located at a time transition between one period -the Later Antiquity- and the other -the Medieval Age-. The existence of a set of fortified enclosures in a time of transition tells us about the political and social instability, and the need to use force and violence to ensure territorial control.

In this presentation we'll talk surroundings of the situation of various fortified enclosures and their possible relationship with an important Roman Vicus located in the "Depresión Meridiana Galega": Iria Flavia.

Key words: Fortified enclosures at high altitude, *Castrum*, *Late Atiquity*, *Territorial control*, *Gallaecia*, Archaeology of fortified site, Archaeological Prospection, Remote Sensing.

A zona onde desenvolvemos a investigação compreende o Val da Amaía⁵, com Iria Flavia como núcleo de população central durante a Antiguidade Tardia. Dito vale localiza-se na zona septentrional da Depresión Meridiana, um acidente geográfico de grandes proporções fundamental na articulação do território ocidental galaico.

Iria Flavia, emprazada perto da desembocadura do rio Ulla, conforma o nexos de união entre as vias terrestres e marítimo-fluviais perfeita. Já na época pré-romana se constatam mais duma dúzia de assentamentos fortificados com materiais alóctones (material fenício e romano, principalmente). Durante a época imperial romana,

conformará um núcleo muito importante, tal é como se desprende do seu nome oficial. Durante o Baixo Império convertera-se em sé episcopal, conservando esta distinção durante a época germânica, sendo sufragânea de Braga.

A partir do s.IX d.c. o emprazamento de Iria Flavia vai diminuindo em importância, primeiro pelo vizinho Padrón, que experimenta um importante crescimento urbano, e em segundo por Compostela, lugar a onde se trasladará a dignidade episcopal, caindo Iria Flavia num escuro segundo plano.

Em base a importância do núcleo de Iria Flavia no fim do domínio romano na Gallaecia até quase o s.XII (ainda que perdera a sua importância como núcleo central, continuava sendo um importante passo obrigado cara Com-

⁵ Nota: Ainda que o texto está escrito em português, mantemos a denominação oficial dos topónimos.



Fig. 1. Inscrição votiva adicada a Netuno pelos habitantes do *Forum Iriense*, antecedente *Municipium Iria Flavia*. Fonte: Wikipedia.

postela), procuramos localizar possíveis recintos fortificados na sua contorna.

Estes recintos fortificados deveriam de quadrar em base a umas características prévias dadas pelas necessidades da investigação e em base ao trabalho prévio desenvolvido arredor da procura e investigação de recintos fortificados posteriores à ocupação romana⁶.

Em base aos poucos trabalhos realizados com anterioridade (Fernández Abella, 2014; Fernández Pereiro, 2016; Garrido Rodríguez, 1987), empregamos para as nossas investigações esta enumeração de características:

Localização: Lugares muito elevados, com um grande controlo visual da contorna e de difícil acesso. Muito afastados dos emprazamentos característicos dos castros da II Idade do Ferro, recordando

ao emprazamento em altura aos castros da I Idade do Ferro.

Arquitetura: Uma técnica construtiva particular, que recorda à pré-romana, mais com diferenças, e um tamanho do assentamento maior que os povoados da II Idade do Ferro, sendo notável na comparação com os da I Idade do Ferro.

Materiais: Aparição de fragmentos de cerâmica e de material laterício de enquadre cronológico em época romana ou tardorromana.

Nas proximidades de Iria Flavia, localizamos seis sítios arqueológicos que poderiam ter uma ocupação ao longo da Antiguidade Tardia, relacionado com o controlo do território e das vias de comunicação.

⁶ Arredor da investigação Pré-Doutoral do investigador Mario Fernández Pereiro.

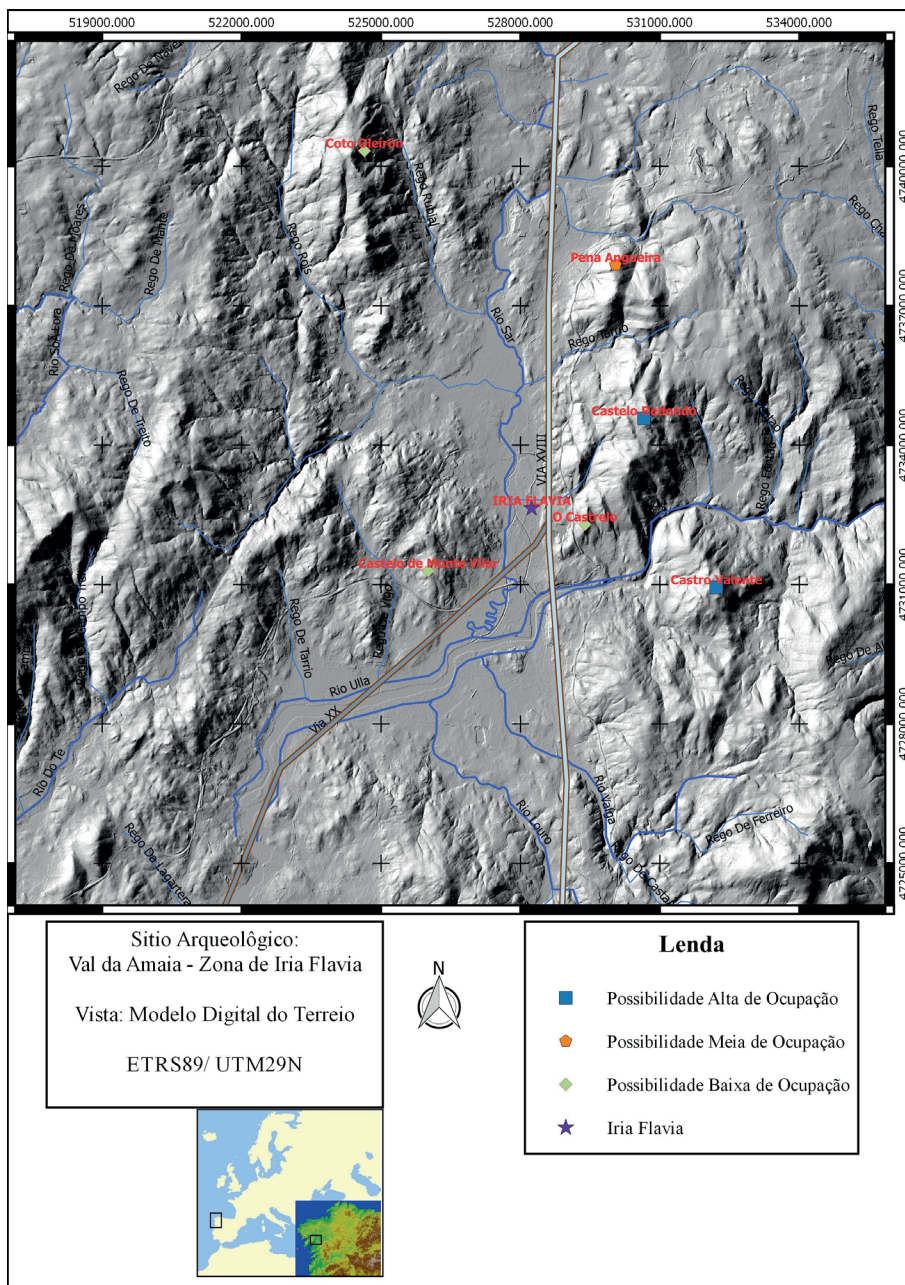


Fig. 2. Localização da zona de estudo. Fonte: Elaboração própria.

Coto de Oleiron

Perto do cume do Monte Oleirón existe – na sua ladeira oeste- um afloramento granítico a uma altura de 460 m.s.n.m e a uns 250 m de distância da cimeira. Desde o afloramento conta-se com um grande controle visual do Val da Amaía. Neste afloramento é onde se situa o jazigo conhecido como *Coto de Oleirón* ou *Castelo de Ruibal*, situado nos limites das paróquias de San Xiao de Bastavales (Concelho de Briom) e San Tomé de Sorribas (Concelho de Rois). A subida desde o fundo do vale é bastante complexa, seno o caminho de acesso a través da cimeira.

O mencionado afloramento conforma o elemento central arredor do qual se artelha todo o recinto fortificado. Na sua cimeira conforma-se uma superfície aplanada artificialmente, arredor da qual localizam-se pequenos buracos de forma redonda –possivelmente bases para poste- e numerosos rebaixes no próprio granito, indicando-nos uma possível existência duma estrutura. A subida a esta parte superior faz-se pela zona NE, sendo impossível a subida por outros pontos devido à aparição de restos de estruturas defensivas ou por circunstâncias naturais.

Arredor do afloramento aparecem vários restos de estruturas e derrubamentos, bastante confusos de interpretar, devido ao alto grau de destruição e pela grande quantidade de vegetação. Em base aos dados obtidos pela prospecção do sítio e pelas evidências obtidas, interpretamos que existiria uma

linha defensiva de planta poligonal, a meio caminho entre um círculo e uma forma trapezoidal, que delimitaria uma superfície apenas superior a uma hectare.

Amáis disto, aparecem uns valados com direção N-S, empregando o afloramento como elemento central e partindo dele nas direções descritas, com um aparelho construtivo muito diferente do que se constata no resto do jazigo. Neste caso compartilhamos as teorias já dadas por Sánchez-Pardo e Galbán (2015:136-137) e Alvela (2014:29) onde se descrevem estes valados coma uns muros de divisão florestal da zona realizados na década de 1940.

Ainda que nós não localizamos evidências de material, Sánchez-Pardo e Galbán falam de fragmentos avermelhados, podendo ser algum restos duma telha (2015:137).

Pena Angueira

O jazigo está emprazado na terminal dum esporão rochoso, com uma altura de 287 m sobre o nível do mar, localizado na ladeira noroeste do monte Pena das Cruces, na parte pertencente à Paróquia de Santa Maria de Cruces (Concelho de Padrom). Desde esta situação obtém-se um grande controle visual sobre o fundo do Val da Amaía e o caminho entre Iria Flavia e Compostela.

A vegetação –giestas, silveiras, fentos e incluso árvores- fizeram muito difícil o trabalho de prospecção superficial do jazigo. Mais em base à



Fig 3. Ortofoto 2014 de Coto Oleirón. Fonte: “PNOA cedido por © Instituto Geográfico Nacional” Estado Espanhol.

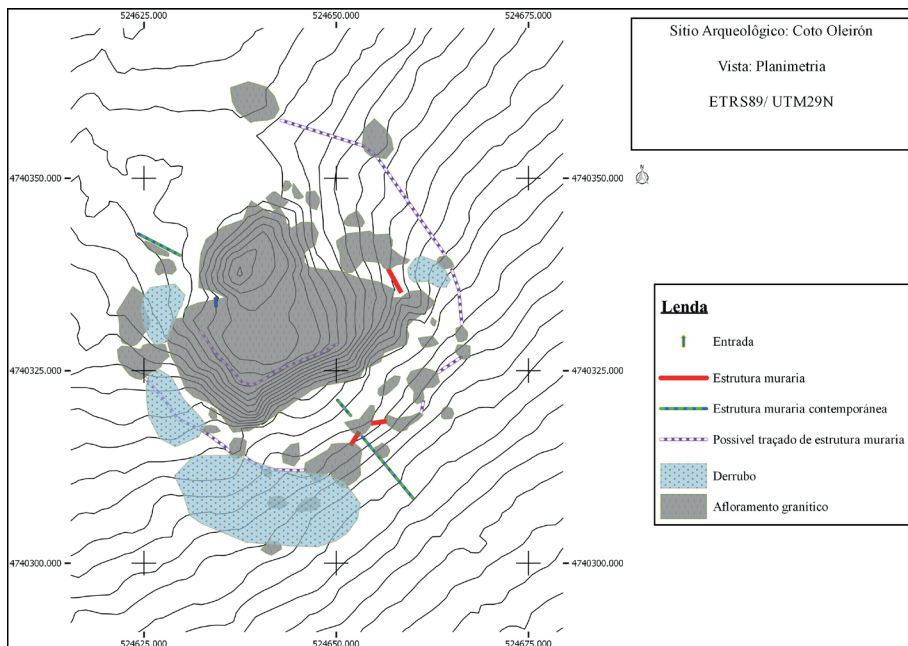


Fig 4. Planimetria de Coto Oleirón. Fonte: Elaboração própria.

teledeteção é observável um recinto oval com um aproximado de 250 m. (SL-NO) por 100 m. (NL-SO), dando uma superfície aproximada de algo mais de 2 hectares.

Uma linha de afloramentos graníticos conforma a parte mais visual do sítio arqueológico. Ao longo deste som observáveis contínuas marcas de extração e grande quantidade de rebaixes e pias⁷. Estas, podendo ser naturais ou antrópicas, podem indicar o emprego desta linha de afloramentos como cimentação para a construção de alguma estrutura.

Na zona sudeste, a de mais fácil acesso, entre a vegetação, é possível observar restos do que aparenta ser uma estrutura defensiva. Este muro está realizado de cachotaria de granito na sua maior parte, incluindo algum fragmento trabalhado que poderia considerar-se um perpianho irregular. Noutras zonas observamos vários derrubamentos, também de cachotaria misturada com perpianhos, o que nos indicam outras linhas de muro. Na zona dos afloramentos graníticos, observamos restos duma estrutura lineal, com uma fatura diferente aos muros exteriores, já que nesta o aparelho está composto só por perpianho, mais com uma fatura técnica mais trabalhada que os outros descritos.

Não se localizaram evidências de materiais cerâmicos, seguramente polo alto nível de degradação que tem o jazigo.

Castelo Redondo

O jazigo conforma-se arredor dum esporão granítico situado a 435 de altura sobre o nível do mar localizado a meio caminho entre as paróquias de Santa Maria de Herbón e San Pedro de Carcacia. A localização escolhida é perfeitamente visível e reconhecível desde o fundo do vale e, a sua vez, obtém um grande controlo visual sobre o fundo do Val da Amaía e a desembocadura do Río Ulla pelo que parece evidente a sua função de controlo do passo da Depresión Meridiana no cruze do Rio Ulla e a entrada a Iria Flavia (Sánchez-Pardo e Galbán, 2015: 131).

O sítio arqueológico sofreu duas grandes alterações na zona próxima ao afloramento devido a abertura de duas pistas cortalumes, uma na sua zona Oeste (já abandonada) e outra na sua zona Leste (em uso hoje em dia). Possivelmente estas pistas destruíram parte do recinto exterior, do que hoje em dia é muito complicado de observar e localizar, pelo tanto não está refletido na planimetria.

Em base as evidências localizadas podemos descrever ao Castelo Redondo coma um recinto fortificado com duas linhas murarias concêntricas arredor do afloramento, a mais exterior na base do mesmo, enquanto a interior estaria fechando um espaço plano na cimeira. As duas linhas murarias aproveitariam os batólitos graníticos para afiançar-se. Os derrubamentos localizados correspondem a grandes blocos de granito e a cachotaria, pelo que po-

⁷ Diferenciamos os rebaixes das pias, ao entender que os primeiros som retilíneos e as segundas som circulares.

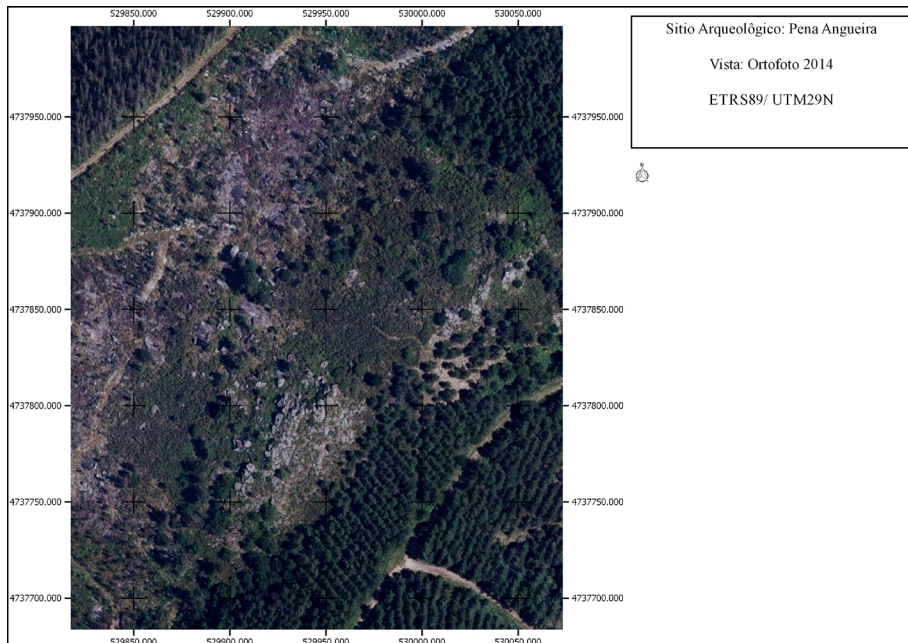


Fig. 5. Ortofoto 2014 da Pena Angueira. Fonte: “PNOA cedido por © Instituto Geográfico Nacional” Estado Espanhol.

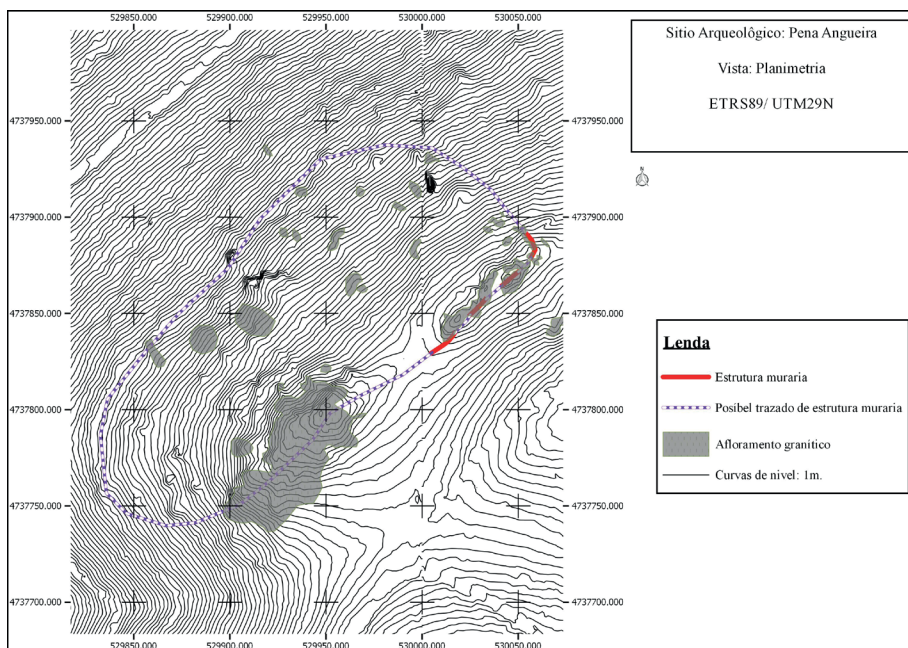


Fig. 6. Planimetria da Pena Angueira. Fonte: Elaboração própria.

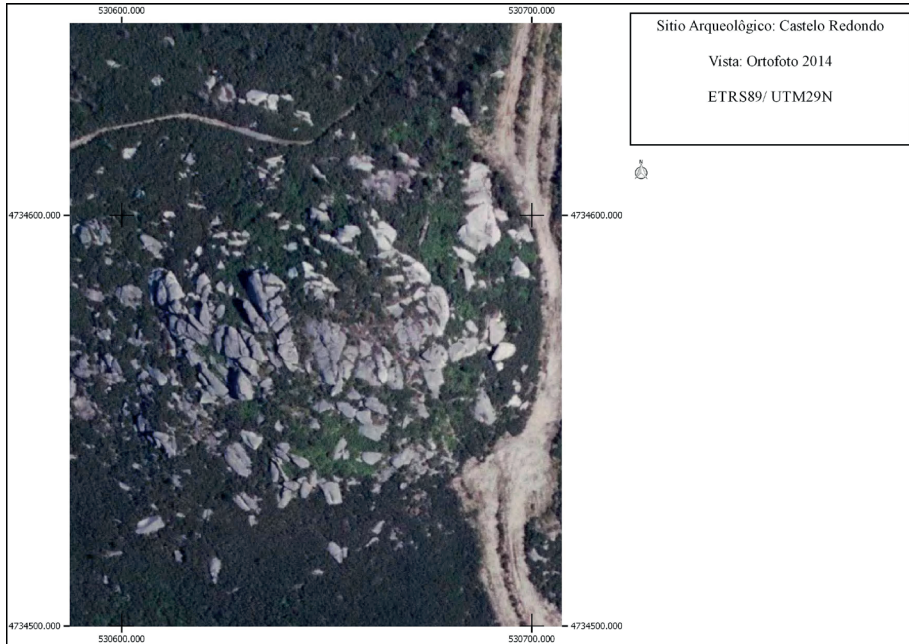


Fig. 7. Ortofoto 2014 do Castelo Redondo. Fonte: “PNOA cedido por © Instituto Geográfico Nacional” Estado Espanhol.

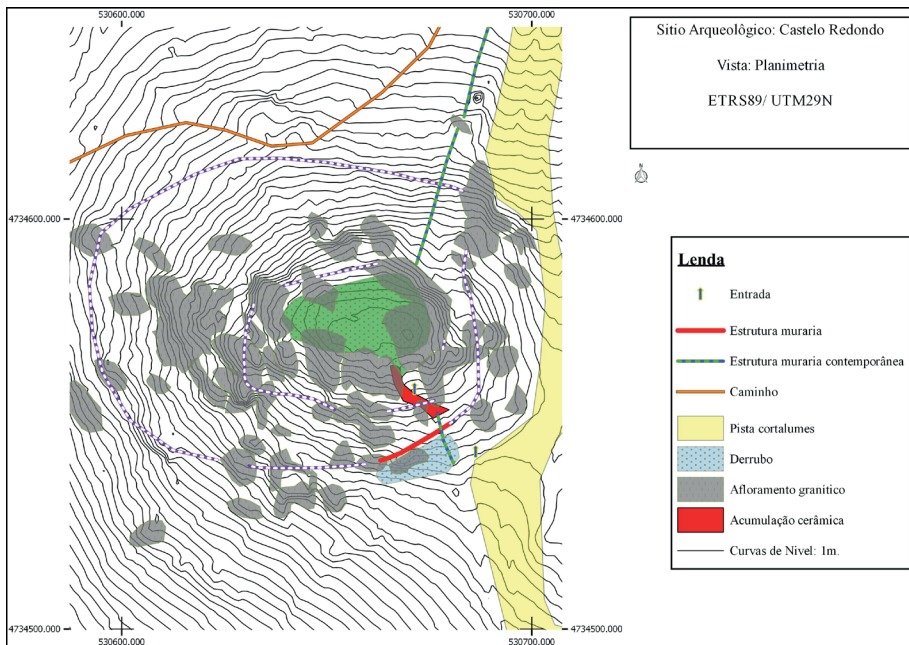


Fig. 8. Planimetria do Castelo Redondo. Fonte: Elaboração própria.

demos fazer-nos uma ideia de como estariam construídos os recintos. O tamanho aproximado do recinto exterior estaria, aproximadamente, nos 90 m. (L-O) por 75 m. (N-S), dando uma superfície superior as 5 ha., sendo só “útil” menos duma hectare.

Localizou-se uma acumulação artificial⁸ de material laterício (tégulas e ímbrices) por riba dum penedo, e restos ilhados e muito rodados na pista da zona leste. por Sánchez-Pardo e Galbán (2015:133) falam da existência dalgum fragmento de cerâmica, mais, pela nossa parte, não foi localizado nenhum.

Duma forma similar ao Coto Oleirón existem dois valados com direção aproximada N-S, com um aparelho construtivo muito diferente do que se constata no resto do jazigo. Igualmente, compartilhamos as teorias já dadas por Sánchez-Pardo e Galbán (2015:131-132) e Alvela (2014:29).

Castelo do Monte Vilar

No Monte de San Gregorio (Paróquia de Santa Maria de Dodro, Concelho de Dodro) na sua cara sul existe um pequeno outeiro –a 164 m.s.n.m.- conhecido como Monte Vilar, nele está localizado o jazigo conhecido como o Castelo. Desde este outeiro podemos observar o rio Ulla e a sua contorna.

Coberto de vegetação, observamos várias acumulações de cachotaria, mais descontextualizadas, devido aos trabalhos florestais realizados na contorna no

jazigo. No que parece o recinto exterior, estão emprazados vários batolitos de granito que seriam aproveitados para assentar as estruturas murarias. Em base a teledeteção podemos falar dum recinto principal quase circular de, aproximadamente, 50 m. (N-S) por 80 (L-O), com um recinto auxiliar na zona O de 40 m. (N-S) por 45 (L-O). Entre os dois ocupam uma superfície quase de 5 hectares.

O Castelo

O jazigo está emprazado no Monte Castelo (Paróquia de Santa Maria de Iria Flavia, Concelho de Padrom), com um altitude de 178 m.s.n.m. Este monte está situado no fundo do Val da Amaia, e muito perto do rio Ulla.

Por mor da alta vegetação –giesta na sua grande maioria- não pudemos aceder a onde estaria emprazado o recinto principal. Em base a teledeteção, constata-se da existência dum recinto de 110 m. (direção SO-NL) por 49 m. (NO-SL) na parte superior do monte, que ocupa uma superfície de 3’5 hectares.

Desgraçadamente, apenas mais dados podem ser dados a respeito deste jazigo.

Castro Valente

O jazigo conhecido como Castro Valente (ou A Cerca) localiza-se na divisória das paróquias de San Pedro de Carcacia e Santa María de Herbón (Concelho de Padrón) e Santa Mariña da Barcala (Concelho de A Estrada).

⁸ Feita por visitantes anteriores seguramente.



Fig. 9. Ortophoto 2014 do Castelo de Monte Vilar. Fonte: “PNOA cedido por © Instituto Geográfico Nacional” Estado Espanhol.

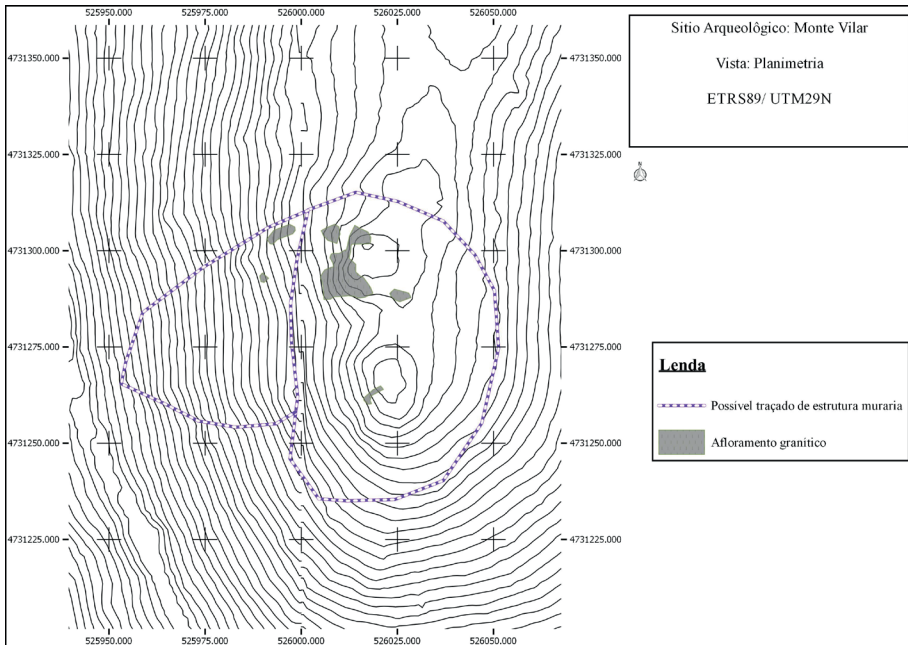


Fig. 10. Planimetria do Castelo de Monte Vilar. Fonte: Elaboração própria.

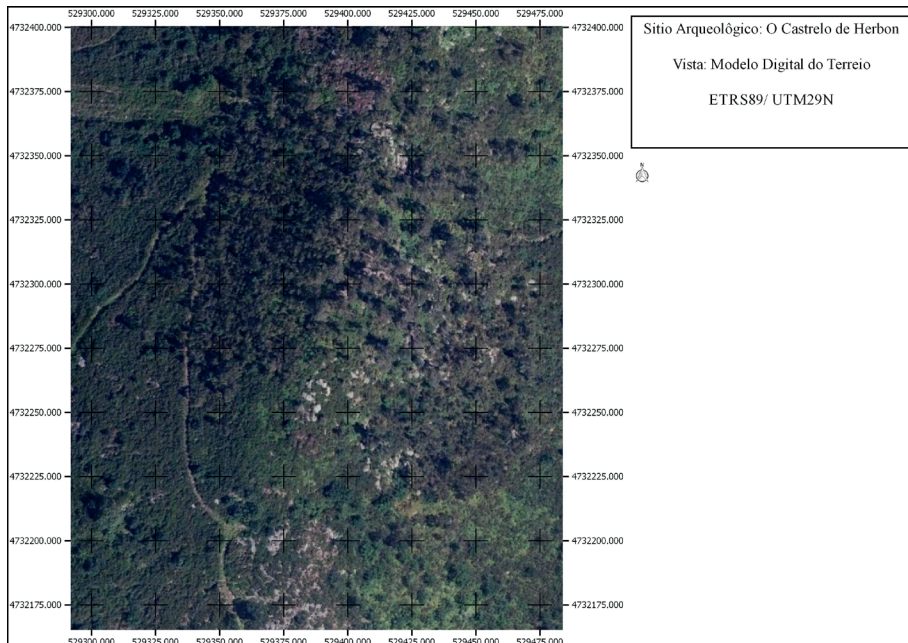


Fig. 11. Ortofoto 2014 do Castelo. Fonte: “PNOA cedido por © Instituto Geográfico Nacional” Estado Espanhol.

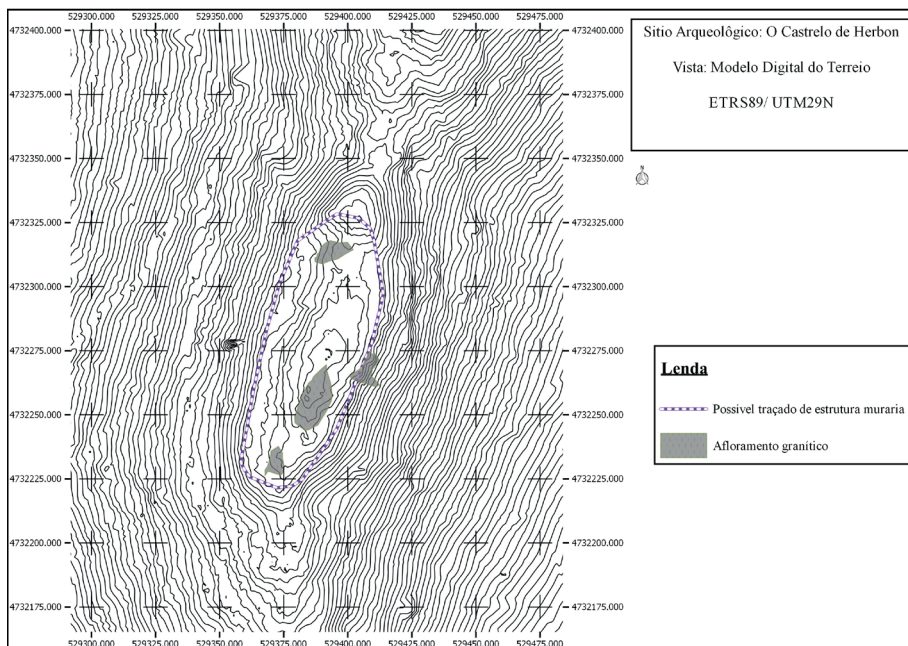


Fig. 12. Planimetria do Castelo. Fonte: Elaboração própria.

O monte do Castro Valente tem unha altitude de 394 m.s.n.m. Conforma parte da parede de montes que fecha a Depresión Meridiana polo lado leste. Cara o norte é bordeado polo río Ulla, que a súa vez é alimentado polo Rego do Castro, que nasce na ladeira oeste do monte.

A cimeira do monte é bastante ampla e plana. Tem uma *forma que recorda a um ril* (Fernández Abella, 2014:394), ocupando o recinto toda a extensión d cimeira, com um tamanho de 476 m. (N-S) por 280 m. (SO-NL) por 216 m. (L-O), configurando um recinto de algo mais de 1.255 m. de longitude, conformando um espaço interior de case 10 há.

O recinto principal parece ser construído no mesmo momento, com uma técnica que se repite ao longo de toda a sua extensión. A zona melhor conservada localiza-se cara o NO, onde a floresta cobre o traçado da muralha. Noutras partes do recinto também é factível observar o traçado, mais num estado muito mais alterado pelas pistas cortalumes. Na zona sul localizamos o que identificamos coma uma porta de entrada, com um aparelho defensivo bastante elaborado. Para mais dados da conservación do recinto pode-se consultar a López Ferreiro (1989), Rodríguez (1913), Manuel Murguía (1966), Gago Mariño (2011) Sánchez-Pardo (2012)e Abella (2014).

No interior do recinto não se localizam evidências de edificações, aventurando-se a possibilidade do uso de materiais percedouros (Abella, 2014: 395), mais si que se localizam mate-

rial laterício, é dizer, *tegula* ou tijolos. Acompanhado-o aparece também alguns fragmentos de cerâmica comum de pastas vermelhas. Todo este material aparece fragmentado e a níveis superficiais, sobre todo na zona de destruição criada pelas pistas cortalumes.

E a onde nos leva todos estes dados?

O que pretendíamos era localizar recintos fortificados com ocupação durante a Antiguidade Tardia, mais, em base aos dados obtidos⁹ e a ao seu posterior estudo, pode parecer que as conclusões som algo frágeis. Pelo tanto, no atual estado do conhecimento das fortificações tardo-antigas no ocidente galaico concluímos o seguinte.

Eram seis o sítios fortificados estudados e, em base aos dados obtidos, conformamos três grupos onde se situam estes jazigos em base a sua possibilidade de que tiveram ocupação tardo-antiga.

Possibilidade nula de ocupação

Neste grupo estariam incluídos os jazigos de O Castrelo, o Castelo de Monte Vilar e Coto Oleirón.

O Castrelo é difícil de classificar, já que não pudemos aceder a ele por mor da vegetação. O emprazamento do jazigo aparenta por ser típico da II Idade do Ferro, mais a cercania doutro assentamento

⁹ Recordemos que o estudo está feito partindo de vários métodos de documentação não invasiva: trabalhos de fotointerpretação, análise topográfico com dados LiDAR e prospección superficial do jazigo.



Fig. 13. Ortofoto 2014 de Castro Valente. Fonte: “PNOA cedido por © Instituto Geográfico Nacional” Estado Espanhol.

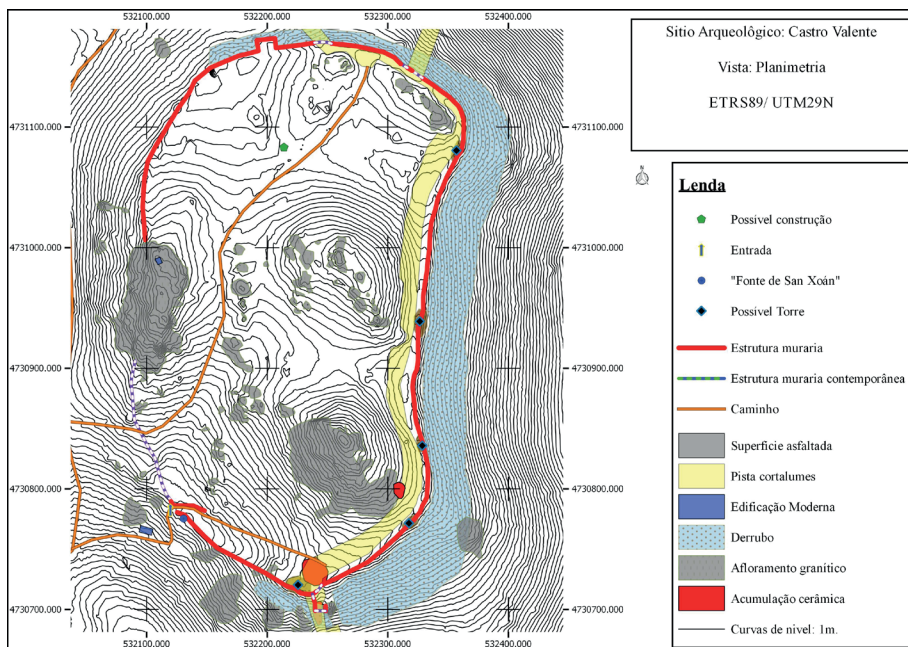


Fig. 14. Planimetria de Castro Valente. Fonte: Elaboração própria.

do Ferro – o Castro do Barco, a pouco mais de 1250 m. na direção SE- e a cerca-nia do Paço da Rocha Branca¹⁰ –a pouco menos de um quilometro direção NE- podem fazer-nos duvidar da adstrição cronológica. De partida, e com os dados atuais, o que si é possível é descartar uma ocupação do recinto fortificado em época tardo-antiga.

O segundo aparenta um assenta-mento fortificado da II Idade do Ferro –tanto por emprazamento como por tamanho-, ainda que não é descartável, como se comenta na própria ficha de catalogação do serviço de património da Junta da Galiza, uma ocupação em época Alto ou Pleno medieval.

O terceiro aparenta configurar-se coma uma torre alto-medieval, com a função de controle do passo Iria Flavia-Compostela. Esta cronologia vem dada pela aparição de telhas que po-deriam ser de essa época. Ainda que não descartamos que tivera uma ocu-pação anterior como *torre* imperial ou tardo-antiga (Gutiérrez González, 2014:206).

Possibilidade meia de ocupação

Neste grupo estaria somente incluído o recinto de Pena Angueira.

Polo tamanho, o emprazamento e a técnica construtiva nos estariam in-dicando similitudes com recintos tar-do-antigos (Fernández Pereiro, 2014) mais, classificamo-lo neste grupo pela sua localização relativa no monte (não

está numa cimeira total ou relativa, senão que está “costa abaixo”) e pela mala conservação do jazigo (que impe-dem aventurar-se mais em especulações cronológicas).

Pelo tanto, Pena Angueira pode pertencer ao tipo de recintos fortifi-cados criados durante a Antiguidade Tardia (Gutiérrez González, 2014) ou pode estar associado à um tipologia de fortificações alto-medievais (s. X-XI) (Gago, 2011:28) ou incluso pleno medieval (Alvela, 2014) adequadas ao controlo do território e vias de comu-nicações, neste caso a que conforma o Val da Amaia desde tempos pré-histó-ricos. Ainda que esta última ocupação alto-medieval não descarte *per se* reuti-lização do espaço tardo-antigo em épo-ca alto-medieval.

Possibilidade alta de ocupação

O Castelo Redondo configura-se como um jazigo com um grande controle visual da Depresión Meridiana, e ao mesmo tempo é o único que é perfei-tamente visível desde o fundo do Vale, de uma maneira muito similar ao Faro de Budinho (Fernández Pereiro, 2016). Podemos classificá-lo como um *Caste-lla* de pequeno tamanho pequeno ou uma *Turres* grande (Gutiérrez Gonzá-lez, 2014). A aparição de material la-terício enquadrável em época romana ou tardo-antiga já nos está dando uma cronologia aproximada, ainda que este esteja situado em superfície e clara-mente fora de contexto.

¹⁰ Residência do verão do Arcebispo de Compostela.

Castro Valente, em cambio, apresenta-se como um *oppida* ou grande *Castra* tardo-antigo. O seu grande tamanho recorda a outros localizados na mesma Depresión Meridiana ou nas suas proximidades (Monte Aloia, Coto dos Infernos) e que, ao mesmo tempo, estão emprazados perto de assentamentos romanos de importância (*Tude* e *Turoqua*, respectivamente). O nível de destruição e a vegetação impedem um estudo mais profundo, mais estamos falando, pelo menos, dum dos recintos fortificados tardo-antigos mais importantes do noroeste da Gallaecia.

BIBLIOGRAFIA

- FERNANDEZ ABELLA, D. (2014), *Castro Valente, una fortificación de control del río Ulla* em CATALÁN, R., FUENTES, P. & SASTRE, J. C. (Eds.) *Las Fortificaciones en la Tardoantigüedad. Élités y articulación del territorio. (Siglos V-VIII d.C.)*. Madrid, Ediciones de La Ergástula, S.L.
- ALVELA FIGUEIRA, E. (2014). *O Castro Lupario en relación cos camiños históricos*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Facultade de Xeografía e Historia. Trabajo de Fin de Master. Inedito.
- FERNANDEZ PEREIRO, M. (2016), *O Faro de Budiño: uma outra fortaleza tardoantiga?* Em CATALÁN, R., FUENTES, P. & SASTRE, J. C. (Eds.) *Actas de las IV Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero, Segovia 2014*. Ed. Glyphos.
- FERNÁNDEZ PEREIRO, M. (2014) *Recintos Fortificados en Altura no noroeste peninsular. Unha aproximación arqueolóxica no Val da Louriña*. Universidade de Santiago de Compostela, Facultade de Xeografía e Historia. Trabajo de Fin de Master. Inedito.
- GAGO MARIÑO, M. (2011), *Castillos (casi) en el aire. Una aproximación a las fortificaciones tardorromanas y altomedievales en Galicia* em *Castillos de España - Sumario N.º 164-165-166* Pp. 23-32
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A. (2014) *Fortificaciones Tardoantiguas y visigodas en el norte peninsular (ss. V-VIII)* em CATALÁN, R., FUENTES, P. & SASTRE, J. C. (Eds.) *Las Fortificaciones en la Tardoantigüedad. Élités y articulación del territorio. (Siglos V-VIII d.C.)*. Madrid, Ediciones de La Ergástula, S.L.
- LOPEZ FERREIRO, A. (1898), *Historia de la Santa Apostólica Metropolitana Iglesia de Santiago de Compostela*
- MURGUIA, M. (1866), *Historia de Galicia*, Tomo II
- RODRÍGUEZ, J.C. (1913), *Castro Valente Iriense*, em *El Barbero Municipal*
- SÁNCHEZ PARDO, J. C. et alii (2015) *Fortificaciones de altura en el entorno de Santiago de Compostela* em NAILOS. *Estudios Interdisciplinarios de Arqueología*, nº2, Enero 2015. Oviedo
- SÁNCHEZ-PARDO, J. C. (2012) *Castros, castillos y otras fortificaciones en el paisaje sociopolítico de Galicia (siglos IV-XI)* em QUIRÓS CASTILLO, J. A. & TEJADO SEBASTIÁN, J. M. (Eds.) *Los castillos altomedievales en el noroeste de la península ibérica*. Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitatea (UPV/EHU).